**O GUARANI – UMA ANÁLISE COMPARATIVA**

João Eduardo Messias (IFPB, CAMPUS PATOS), Zuila Kelly da Costa Couto (IFPB, CAMPUS ITABAIANA)

**E-mails:** joao.messias@academico.ifpb.edu.br, zuila.araujo@ifpb.edu.br

**Área de conhecimento (Tabela CNPq):** 8.00.00.00-2 Linguística, Letras e Artes

**Palavras-chaves:** literatura, povos indígenas, Guarani, colonização, história em quadrinhos

1. **Introdução**

O presente resumo consiste em um recorte dos estudos desenvolvidos a partir do projeto de pesquisa **Contribuições da leitura de quadrinhos para os múltiplos letramentos,** aprovado pelo edital 18/2020, PIBIC EM CNPq. A discussão proposta apresenta uma análise comparativa entre a obra literária **O Guarani** escrita por José de Alencar e a adaptação para os quadrinhos, de mesmo nome, dos autores Luiz Gê e Ivan Jaf. A obra original publicada em 1857 faz parte da primeira geração da escola literária romântica, cuja característica mais marcante é a representação da figura indígena como o principal herói nacional. A partir da comparação entre a obra e a sua adaptação em quadrinhos é possível refletir acerca de diversas questões relacionadas a esse tipo de representação, como por exemplo os signos relacionados à construção de um herói subserviente ao colonizador. O principal objetivo do trabalho é apresentar uma proposta de leitura dos diferentes gêneros, considerando as características e recursos expressivos de cada suporte, explorando as suas possibilidades de uso didático na sala de aula.

1. **Materias e Métodos**

A pesquisa realizada consiste em um estudo de natureza qualitativa e bibliográfica, tendo em vista que foram analisadas de forma comparativa uma obra literária e sua adaptação para a linguagem dos quadrinhos.

Para tanto, foram desenvolvidas três etapas nas quais o pesquisador foi responsável por: apropriar-se do referencial teórico e de estudos já realizados em relação à interação entre a linguagem literária e a arte sequência, também foram analisados alguns autores como Marco Ferreira, Pascoal Farinaccio e o próprio José de Alencar; promover a análise do corpus e, por fim, destacar as contribuições das narrativas estudadas para o processo de formação de leitores.

1. **Resultados e Discussão**

A obra literária **O Guarani** foi escrita por José de Alencar em 1877 e representa a primeira geração do romantismo brasileiro,,que elege o índio como herói nacional e da nossa prosa de ficção. O romance apresenta 356 (trezentas e cinquenta e seis) páginas divididas em quatro partes: “Os aventureiros”, “Peri”, “Os Aimorés” e “As Catástrofes". O início da narrativa se dá em 1604, quando D. Antônio de Mariz (figura histórica)[[1]](#footnote-1) deixa sua pátria e vem para o Rio de Janeiro com sua família: D. Lauriana, sua esposa; sua filha Cecília (Ceci, como é chamada); Isabel, que é filha de D. Antônio com uma indígena, mas é tratada como sua sobrinha, e seu filho D. Diogo; D. Antonio constrói uma comunidade às margens do rio paraíba com ajuda dos índios guaranis que, de forma fantasiosa pois ele coloca os índios guaranis em situação de escravidão, os índios ajudam na construção da casa onde Peri se apaixona por Ceci após salvar sua vida.

Peri decide morar com D. Antônio de Mariz e sua família, elemento do enredo que é descrito por Oswald de Andrade em seu “Manifesto Antropófago” como um índio “cheio de sentimentos portugueses”;pois ele abandona sua cultura e se abre para os costumes e crenças dos portugueses. O Guarani é um romance de fundação, como já sugerido, entendendo-se por isso uma representação literária que procura explicar e justificar o surgimento de um novo povo, no caso, o povo brasileiro. Após o dilúvio que encerra a narrativa, do qual escapam vivos apenas Peri e Ceci, supõe-se que os dois enfim cheguem às vias de fato e concebem um filho, que deverá ser, digamos, o “primeiro brasileiro”, fruto do amor de um índio e de uma filha de português.(FARINACCIO, 2013).

A reconstrução do passado histórico levantado por Alencar no romance pressupõe total adesão à ideia do “português nobre bem como a narrativa segue um caminho reconhecendo o português como o único que tem direito à posse do país legítimo” (MARCO, 1993,p. 46). É preciso entender que quando é feito um elogio a Peri (seja à sua força, inteligência, etc.) também é feito o elogio, acima de tudo, a um índio que se alia aos portugueses. “É preciso forjar a imagem do índio como homem sábio, inteligente e virtuoso para afirmá-lo como companheiro indispensável ao branco que quer fixar-se à terra e colonizá-la. Define-se assim uma aliança política necessária (MARCO, 1993).

Com relação às configurações das personagens e do espaço, as figuras românticas remetem ao medievalismo (como exemplo, podemos lembrar da casa de D. Antônio de Mariz que é similar a um “castelo feudal”) compreendidas como reforço ideológico de “harmonização” e a disciplina de mão de ferro do colonizador que queria um exército inconteste de poder e posse efetiva da terra. Dessa forma, se D. Antônio de Mariz vê qualidades em Peri, isso é porque vê nele um reflexo diminuído de si mesmo e que poderá a ele recorrer em momentos de perigo de sua empreitada colonizadora. “[...] é um cavalheiro português no corpo de um selvagem!” (ALENCAR, 2000).

O herói do povo brasileiro muitas vezes é comparado, em sua pureza de alma, a uma criança. Falamos em benevolência, e é bem disso de que se trata. Diz o narrador em terceira pessoa que Peri tinha “sua linguagem tão rica e poética, com doce pronúncia que parecia ter aprendido das auras de sua terra ou das aves da floresta virgem...”. Não obstante, a fala “poética” de Peri é apreendida pelo senhor português como a fala de uma criança, a qual se ouve com certo carinho, mas sempre de um ponto de vista acima dela, vale dizer, distanciado e crítico: “D. Antônio de Mariz o ouvia sorrindo-se do seu estilo ora figurado, ora tão singelo como as primeiras frases que balbucia a criança no seio materno” (ALENCAR, 2000).

Na adaptação para a HQ, a história segue fiel à obra, mas sem as extensas descrições do romance original. Isso acontece porque a HQ explora bastante o recurso visual, construindo imagens que são responsáveis pelo entendimento da narrativa. O layout da HQ imprime bem a imagem tropical trazida por Alencar, mostrando uma mata diversificada, colorida e as estratégias que o colonizador português utilizou para adentrá-la. A imagem abaixo mostra uma representação bastante idealizada de uma mata virgem na qual os colonizadores embrenham-se utilizando armaduras, fato que diverge da realidade da época.



Figura 1: Representação do encontro do colonizador com a natureza selvagem.

A imagem de Peri na HQ remete a “O rei das selvas” que já é conhecida e popularizada amplamente pelo personagem Tarzan.

“Aqui é como se as contradições do herói de Alencar, que vimos demonstrando, se recobrissem de mais uma camada de incongruência. Pois, não obstante a ciência dos autores da intencionalidade de Alencar de criar um herói “eminentemente brasileiro”, o desenho do protagonista remete a Tarzan. Ora, Tarzan não é brasileiro, mas sim criação do escritor estadunidense Edgar Rice Burroughs; a personagem fez sua estreia literária em 1912 no romance Tarzan of the Apes. Seguiu-se a ela uma formidável carreira de adaptações no cinema, na televisão e nos quadrinhos. Posto isso, talvez não seja exagero propor que a dificuldade de postular um herói “eminentemente brasileiro” permanece um problema insolúvel desde Alencar até os nossos dias.” (FARINACCIO, 2013).



Figura 2: Capa da adaptação em quadrinhos do Guarani

O que os diferencia é o fato de Peri ser nativo indígena, porém, por amor a Ceci, deixa os seus costumes, lar, família e toda a sua vivência para morar com D. Antônio de Mariz; junto dos portugueses colonizadores, torna-se cristão e recebendo outro nome, chamado agora de Peri-Antônio, marca de sua mudança e “vida nova”. Esse ato de Peri é prova da “aculturação”[[2]](#footnote-2) que os povos indígenas sofreram. Já Tarzan é o “rei da selva”. Entretanto, trata-se de uma volta à natureza, modificá-la, reinventando a civilização. No caso dele é colocada em questão a dominação instrumental da natureza com uma "relíquia cultural”, isto é, uma faca, Tarzan submete à natureza à sua vontade.

1. **Considerações finais**

Portanto, **O Guarani** de José de Alencar e sua adaptação em quadrinhos, perpassa por diversas referências , na tentativa de representar os heróis da cultura brasileira, possibilitam uma reflexão sobre como tem sido percebida a dificuldade de sustentá-los. Sim, Peri é um “herói”, mas um dos mais humilhados na prosa de ficção. Entretanto, ele não é um "anti-herói" pois lhe faltam a graça e ironia, o que poderia redimi-lo na perspectiva de personagem crítico à sociedade brasileira e suas complexidades.

A partir dessa perspectiva, ressaltamos a importância da reflexão sobre o passado histórico e suas representações como elemento essencial para a formação crítica e cidadã, que nos ajuda a entender a história do Brasil. A que projeto de nação se presta a figura de um herói subserviente e estereotipado? A leitura dessas obras no contexto atual possibilita a discussão sobre temas como a construção das narrativas sobre a identidade nacional e suas implicações no entendimento de valores como patriotismo, cidadania, entre outros. A história em quadrinhos pode ser introduzida no ensino de literatura e de história no contexto da educação básica, tanto para a compreensão de nosso passado colonial, bem como para a compreensão mais aprofundada a respeito dos ideiais de construção de uma identidade nacional atreladas a esse contexto.

**Agradecimentos**

Agradeço ao CNPQ e ao IFPB pelo financiamento do projeto; à orientadora Profª.Zuila Kelly da Costa Couto; ao coorientador e Prof. Fabricio Sousa e meus colegas de pesquisa.

**Referências:**

ALENCAR, José de. **O Guarani**. São Paulo, Ateliê Editorial, 2000.

ANDRADE, Oswald de. **Ponta de Lança**. São Paulo, Globo, 1991.

FARINACCIO, Pascoal. O problema do herói nacional: o guarani na literatura e nos quadrinhos. **Anais Eletrônicos das Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos**. Escola de Comunicações e Artes da USP. 2013. Acesso em 26/mai/2021.

JAF, Ivan. **O Guarani**. Adaptação e roteiro de Ivan Jaf; roteiro e desenhos de Luiz Gê. São Paulo, Ática, 2009.

MARCO, Valeria de. **A Perda das Ilusões**: O Romance Histórico de José de Alencar. Campinas-SP, Editora da Unicamp, 1993.

1. D.Antônio de Mariz existiu fora do romance. Ele foi um fidalgo português e um dos fundadores da cidade do Rio de Janeiro em 1565. Seu nome foi imortalizado no romance “O Guarani” de José de Alencar. [↑](#footnote-ref-1)
2. Ato de tirar uma cultura de um indivíduo ou um povo e trocar por outro. [↑](#footnote-ref-2)